

## “IDENTIDADE FEMININA”: UMA ANÁLISE DE TRÊS POEMAS DE HELENA PARENTE CUNHA

Larícia Pinheiro Silva Ramos<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente trabalho busca fazer uma análise de três poemas: *Meu nome*, *Palavra impossível* e *Silêncio do tempo ido*, de Helena Parente Cunha (2013), acerca de uma reflexão sobre a ideia de identidade feminina, procurando observar os silenciamentos e marginalidades desse ser. A importância do tema é buscar discutir e refletir sobre a ideia de identidade feminina que está cristalizada na maior parte da sociedade, descrevendo esse ser a partir de uma visão externa a figura feminina, por isso se justifica a escolha da autora Helena Cunha, pois trabalha com o tema mulher e literatura. Para refletir e discutir sobre a “identidade feminina” se elabora uma comparação entre o texto poético e as relações sociais, das quais surgem uma perspectiva do que seja essa figura feminina. Com este intuito se utiliza como aporte: *Os corpos que importam* (2015) e *Problema de gênero: feminismo e subversão da identidade* (2013), de Judith Butler, que abordam sobre as questões de Gênero; *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes* (2003), de Márcio Seligmann-Silva, que pontua acerca da relação entre história, literatura e memória. Além desses, o livro *História das Mulheres no Brasil* (2012), organizado por Carla Bassanezi Pinsky e Joana Maria Pedro, em que vários autores escrevem sobre a vida das mulheres no Brasil. Os resultados obtidos durante essa comparação é a problemática da representação ao tentar mostrar algumas características e tentar universalizá-las, pois não poderia existir uma identidade fixa de perfil feminino, já que há uma multiplicidade de identidades.

**Palavras-chave:** Identidade feminina; Poesia; Helena Parente Cunha.

## “FEMININE IDENTITY”: AN ANALYSIS OF THREE POEMS BY HELENA PARENTE CUNHA

### ABSTRACT

The present work seeks to analyze three poems: *My name*, *Impossible word* and *Silence of time gone*, by Helena Parente Cunha (2013), about a reflection on the idea of feminine identity, trying to observe the silencings and marginalities of this being. The importance of the theme is to seek to discuss and reflect on the idea of female identity that are crystallized in the most part of society, describing this being from an external view of the female figure, so it is justified the choice of the author Helena Cunha, because she works with the woman and literature theme. To reflect and discuss about the "female identity" a comparison is drawn between the poetic text and social relations, from which arise a perspective of what this female figure is. With this intention it is used as contribution: Judith Butler, *Bodies that matter* (2015) and *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity* (2013), by Judith Butler, that deal with gender issues; *History, memory, literature: the testimony in the age of catastrophes* (2003), by

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras pela UEPB, Especialista em Letras: Estudos Linguísticos e Literários pela UEPB e Mestranda em Letras: Linguagem e Identidade pela UFAC, sendo bolsista CAPES.

Márcio Seligmann-Silva, which points out the relationship between history, literature and memory. Besides these, the book *History of Women in Brazil* (2012), organized by Carla Bassanezi Pinsky and Joana Maria Pedro, in which several authors write about the life of women in Brazil. The results obtained during this comparison are the problematic of the representation when trying to show some characteristics and trying to universalize them, because a fixed identity of female profile could not exist, since there is a multiplicity of identities.

**Keywords:** Female identity; Poetry; Helena Parente Cunha.

Neste artigo, faremos uma análise da poesia de Helena Parente Cunha (2013) que expõe sobre silenciamento, marginalidade e contribui para uma reflexão sobre identidade feminina. Faremos a análise dos poemas: *Meu nome*, *Palavra impossível* e *Silêncio do tempo ido* para refletir e discutir sobre a ideia de identidade feminina. Ao mesmo tempo, pontuamos sobre as questões de gênero e a História das mulheres que ajudam a compreender como aparece essa perspectiva da “identidade feminina”, refletindo sobre essas ideias de representações dessa figura feminina. E repensar a viabilidade de se ter um conceito de identidade feminina, como surgiu e como foi influenciada historicamente e socialmente essa formação da figura feminina.

Vamos utilizar entre aspas as palavras “identidade feminina” como forma de representar a problemática de se ver a identidade como homogênea e uniforme, pois buscamos evidenciar a multiplicidade das identidades que existem. Também utilizamos o termo “mulheres” de maneira geral, não buscamos abordar de um caso em específico e por conta do estudo dialogar com os estudos de Carla Bassanezi Pinsky e Joana Maria Pedro (2012), que utilizam esse termo no plural. O tempo ao qual o estudo faz referência para refletir sobre a ideia de “identidade feminina” vai desde a antiguidade até atualidade, mas com uma focalização com base em Mary Del Priori (2017) desde o Brasil Colonial até o presente em que Helena Parente Cunha escreve sua poesia.

A identidade como estudo problemático surge, conforme afirma Stuart Hall (2014), por haver uma necessidade de repensar esses conceitos que tentam definir e representar alguns grupos. Mas o conceito de identidade na maioria das vezes não está próximo do real ou referente que almejar representar, surgindo a necessidade de rever tal conceito. Stuart Hall (2014) afirma que quando a ideia de identidade tiver novos indícios que podem conduzir a elaboração de um conceito mais próximo do real e que se distingue do conceito antigo surge a necessidade de repensar, rediscutir, refletir sobre o conceito existente. Para Stuart Hall (2014), o conceito de identidade está vinculado à

ideia de identificação em que alguns vão se ver representados, outros vão incorporar o discurso para se vê representados. Porém, haverá aqueles que ficaram excluídos, pois “[...] Como todas as práticas de significação, ela está sujeita ao ‘jogo’ da *difference* [...]” (HALL, 2014, p. 106). O jogo de que haverá aqueles indivíduos diferentes que não conseguem se vê representado, mostrando que há identidades e não uma identidade homogênea. O autor pontua que o discurso sobre a identidade retoma a noção de tradição que a sociedade usa para tentar dar significação e os que não se identificam tornam-se antagônicos desse papel principal da identidade universalizada em que não se percebe a multiplicidade de identidades que existem.

Por isso, usamos como estudos pertinentes para o desenvolvimento dessa reflexão e discussão: *Os corpos que importam* e *Problema de gênero: feminismo e subversão da identidade*, de Judith Butler (2015), *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes* de Márcio Seligmann-Silva (2003), *Nova História das Mulheres no Brasil*, organizado por Carla Bassanezi Pinsky e Joana Maria Pedro (2012), *Quem precisa da Identidade*, de Stuart Hall (2014). Esses estudos são usados como uma base para analisar os poemas selecionados de Helena Parente Cunha.

Helena Parente Cunha é natural de Salvador, na Bahia, formada em Letras, tendo várias Especializações, Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Em 2018, é professora Emérita da UFRJ, atuando na Pós-Graduação da faculdade de Letras, também dá aulas no curso de Pós-Graduação da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em Campina Grande, pesquisadora sênior da CNPq e ganhou inúmeros prêmios, dentre eles: Carlos Drummond de Andrade (2008), Rosa de Píndaro (2016) e Roquete de Pinto (2014, pelo livro *Impregnações na floresta: Poemas Amazônicos*). Além disso, escreve poesia, conto, romance, ensaio, crítica literária, também tem publicações com outros autores até no exterior e participa de conselhos editoriais, como: *Verbo de Minas* (1516-0637), *Terra Roxa e Outras Terras* (1678-2054), *Revista Letras*, Rio de Janeiro, (1806-5333), entre outras. Na área de Letras trabalha com tema: literatura de autoria feminina, violência simbólica e visão compartilhada, mulher e literatura brasileira, gênero e outros.

O livro *Impregnações na floresta: Poemas Amazônicos*, do qual selecionamos os três poemas em análise, surgiu de momentos de reflexão e apreciação de Helena Cunha durante uma viagem que fez para a região amazônica. De acordo com a autora, a viagem possibilitou a oportunidade de pensar sobre os fatos do cotidiano e das relações

sociais, culturais, históricas e autorreflexão sobre si. Essa reflexão que possibilita fazer a comparação dos seus poemas com a “identidade feminina”, pois o eu-lírico encontra-se num diálogo com o feminino e a ideia de “identidade feminina”, por estar em um momento de autorreflexão sobre si próprio e sua relação com o mundo.

Como fica em evidência no prefácio de Geraldo Holanda Cavalcanti, escritor da Academia Brasileira de Letras, em que ele afirma sobre os poemas de Helena Cunha que: “A poesia (o poema) nos socorre nesses momentos, com a magia das imagens surpreendentes, das metáforas, das sinestesias, do silêncio [...]” (CUNHA, 2013, p. 14). Diante disso, compreendemos que um dos pontos centrais na obra não é apenas fazer um apanhado poético, mas reflexivo e crítico sobre a vida e o cotidiano, conforme Helena Cunha diz: “O que eu pretendo neste meu *Impregnações na floresta* não é bem trazer uma versão poética dessa viagem [...]” (CUNHA, 2013, p. 27, grifos da autora).

Entendemos a criticidade da poesia de Helena Cunha e a possível relação com a “identidade feminina”, pois muitas vezes a autora menciona sobre o silenciamento e marginalidade através de metáforas que podem ser vistas como características da Amazônia. Fazemos uma relação entre esse silenciamento e as inúmeras mulheres que viveram sem voz, num período desde antes do Período Colonial em que não tinham direito de expressar suas ideias, nem de votar, nem demonstrar seus sentimentos, nem poderiam escrever, nem ler. As poucas mulheres que aprendiam a escrever e ler usavam o conhecimento para ler os textos religiosos, pois se tinha a ideia de que a mulher que dominava muito a escrita e a leitura, questionaria o sistema do patriarcado e começaria a perceber a exclusão, causando problema ao sistema. Assim, também não podiam se descrever, então, como se cria a ideia do que é a mulher ou esse ser do sexo feminino? Este é o primeiro problema ao refletir sobre a identidade feminina, pois foi criada e descrita por pessoas que estavam no poder em comum acordo com o sistema do patriarcado:

[...] Na ordem patriarcal, a mulher deveria obedecer a pai e marido, passando da autoridade de um para a do outro através de um casamento monogâmico e indissolúvel. O domínio masculino era indiscutível. Os projetos individuais e as manifestações de desejos e sentimentos particulares tinham pouco ou nenhum espaço quando o que importava era o grupo familiar e, dentro dele, a vontade do seu chefe, o patriarca, era soberana. (SCOTT, 2012, p. 16).

Dessa forma, o patriarcado comandava tudo, definindo o que cada um era e qual sua função, ficando todos submissos às suas ordens e regras desse sistema. Durante

esse sistema de governo, as mulheres foram por longo tempo silenciadas e marginalizadas.

A partir das leituras sobre a história das mulheres, identidade e representação começamos a refletir sobre algumas indagações que nos inquietaram sobre a figura feminina, como: a escolha do nome feminino e o que ele representa? Ao se ter o nome teria o início de uma construção de identidade (referencialidade)? Será que podemos discutir sobre uma identidade feminina? Se as mulheres não poderiam se descrever quem as descreve? Essas perguntas problemáticas nos ajudam a entender que o discurso que vai caracterizar a figura identitária das mulheres é definido pela figura masculina que era quem tinha liberdade para escrever e o que se registra sobre as mulheres. Mas será que podemos ter como representação da “identidade feminina”, tendo em vista que as mulheres não poderiam dizer o que eram para serem descritas? Então, que figura de mulheres seria essa que se criou com base na percepção externa de quem tem o poder? Será que podemos nos identificar com essa ideia de mulher que segue a ordem de hierarquia a qual ela fica à margem? Observamos que os corpos femininos não importam se não seguirem e agirem conforme o conceito que lhe foi imposto.

Desde tempos remotos, como na Idade Média/Período Colonial, que a mulher ao nascer era silenciada, pois no nascimento o homem dava-lhe um nome que trazia todo um conceito ideológico que contribuiria para caracterizar sua personalidade e sua postura em relação à vida social. Além disso, ao nascer já era, na grande maioria das vezes, definido o nome do seu futuro marido, como uma maneira de manter o controle sobre esse ser e também de aumentar a riqueza da família ou dar continuidade ao nome familiar, pois:

[...] A família era tida como central na vida das mulheres e referência principal de sua identidade: uma moça solteira era, sobretudo, “a filha”, uma senhora casada, “a esposa”. A dedicação ao lar, decorrência óbvia e inescapável, fazia do papel de “dona de casa” parte integrante das atribuições naturais da mulher. (PINSKY, 2012, p. 470-471).

Constatamos que a família era o discurso ideológico opressor das mulheres, pois era através dela que se definia a identidade da mulher, como filha depois como esposa e mãe, expondo esse papel como natural e uma tradição familiar. É também dela que vinha o nome que a faria ser respeitada socialmente e submissa às ordens do chefe da família, seja ele pai ou esposo.

O eu-lírico do poema “Meu nome” dialoga com essa problemática do nome em que diz: “Meu nome / é detalhe supérfluo [...]” (CUNHA, 2013, p. 48), corroborando com as indagações sobre o nome e suas significações e que também não a descreve, pois é um fato que se recebe ao nascer. Então, é mais um elemento que inicialmente não afirma realmente quem são as mulheres até certo ponto em que se toma consciência do silenciamento presente nele ou a forma no qual tenta silenciar através da ideologia desse nome que traz inúmeras subjetividades sociais.

Desde a Antiguidade, que os nomes das crianças eram definidos pelo pai aquele que cuidaria de tudo até de sua inserção na sociedade e definiria qual seria seu papel na sociedade, especialmente, o da mulher que desde o nascimento já seria definido com quem se casaria para aumentar ou manter a riqueza da família, tendo em vista que era um objeto de barganha (mercadoria utilizada para firmar inúmeras alianças financeiras). Caso fosse um menino seria educado para cuidar da herança e zelar pela família, como o pai e aumentar as riquezas através de alianças matrimoniais.

De acordo com George Duby e Michelle Perrot (1991), durante certo tempo, as mulheres não poderiam herdar os bens financeiros da família, cabendo ao irmão cuidar dela, proporcionando um dote e, posteriormente, um marido e deste só teria direito se tivesse um filho, “o varão” como se chamava na época, pois do contrário dependeria de outros.

Surge outro elemento que é a ideia da maternidade, pois as mulheres devem casar e ter filhos para aumentar a família. Mary Del Priori (2017) afirma que é uma construção que vai mudar com o tempo para a ideia da maternidade que temos, na qual a mulher deve se sentir realizada ao amar e cuidar do filho ou filha. Assim, indagamos: o que é a maternidade? O que é o amor maternal? Será que a mulher realmente se identifica com essa identidade de esposa / mãe? Antes a mulher gerava os filhos “frutos do casamento” ou de abusos sexuais, pois não existiam métodos contraceptivos eficazes. Antigamente, as mães da classe média/alta não cuidavam dos filhos ou filhas, passando essa atividade para as amas que se responsabilizavam da criança (banho, comida, cuidados). Muitas vezes, a mãe quase não via as crianças, nem as amamentava. O trabalho era cuidar da criança na gravidez e depois só administrar os cuidados as amas. Com exceções para a classe menos abastada que não tinha ninguém para cuidar da criança, mas alguns casos os bebês eram deixados em orfanatos ou conventos.

Neste caso também havia situações em que pessoas da classe média/alta deixavam suas crianças nos conventos ou orfanatos, como no caso da filha ter engravidado antes da aliança do casamento ou a criança ter sido fruto de uma relação extraconjugal. Isso dialoga com a passagem no poema de *Meu nome* que faz uma reflexão sobre os imprevistos e o que foge do controle dos que estão no poder. Também nos faz lembrar das que não conseguem se enquadrar no conceito criado, como o exemplo das mulheres que não podiam ter filhos:

[...] na identidade curva  
deste braço de rio  
contido  
no eco distante do mar (CUNHA, 2013, p. 48).

Muitas mulheres não conseguem se identificar com essa maternidade, sendo mais uma característica descrita pelo sistema patriarcal, por isso, a ideia de ser uma “identidade curva”, pois não é o que realmente acontecia ou identificaria as mulheres. No entanto, percebemos que ainda há esse “eco distante do mar”, no qual a mulher deveria se identificar e se visualizar como mãe, deixando-se de lembrar que era apenas mais um dos discursos de controle da figura feminina: “[...] Em se tratando de mulheres casadas, não querer engravidar é quase um ultraje” (PINSKY, 2012, p. 491).

As mulheres, ao casar, logo deveriam ter seus filhos e não poderiam nem pensar em não ter filhos, pois sofreriam represarias e discriminações. Além disso, com o passar dos anos começava um trabalho social de inserir na consciência das mulheres a ideia de “Boa Mãe” em que ela deveria abrir mão de tudo para se dedicar aos filhos e não mais deixar as babás ou empregadas cuidar dos filhos, proporcionando a criança muito carinho, atenção e afeição que antes não era tão importante para caracterizá-la como mãe.

Atualmente, temos uma visão que é apresentada de modo romantizada da maternidade. Mas será que a mulher pode se identificar com isso? Com a maternidade, as prioridades mudam o tempo, os cuidados e o corpo, especialmente, ele que é o causador de desejos. Mas com a gravidez vêm inúmeras nuances, tornando o corpo um fato aprisionador da mulher que não tiver preparada, tendo em vista a continuidade dos tempos antigos em que pouco se fala ou menciona sobre as mudanças na vida e no corpo depois dessa experiência. E aquelas que não podem ter filhos (as), não poderiam

ser mulheres? Por isso, surgem os discursos ideológicos em que a maternidade é visto como um paraíso, porém, esquecem o paradoxo de tais afirmações:

“Mãe é tudo igual...” – o adágio reforça a percepção de que a imagem de mãe em nada ou pouco se altera. De fato, na segunda metade do século XX, a maternidade continua sendo vista como fonte de felicidade e realização da mulher. O modelo da “boa mãe” nunca chegou a ser contestado com a mesma intensidade que as outras referências tradicionais. (PINSKY, 2012, p. 528).

Compreendemos que essa ideia das mulheres com a maternidade ainda está muito arraigada na sociedade e tão convencionada que não se percebe o poder desse discurso. E muitas mulheres não conseguem se identificar, ficando excluídas pela sociedade, enquanto, outras incorporam tais ideologias e tentam difundi-las sem nem compreender o que estão tentando fazer, caso da ideia de “paraíso da maternidade”.

A ideia de uma identidade que se tem é como um “eco distante do mar”, por não existir uma forma única que represente as mulheres. Na segunda parte do poema *Meu nome diz*:

[...] não consisto  
nem persisto  
entre o tempo vegetal  
de agora  
e a origem sem tempo  
nem pertencimento. (CUNHA, 2013, p. 48).

Judith Butler (2013) lembra que muitas vezes a figura feminina é descrita por seu corpo. O corpo traz inúmeras significações culturais e ideológicas, mas a sociedade vai formar uma ideia de mulheres vinculadas à biologia em que o corpo tem uma passividade de não poder se expor ou evidenciar o que é.

Como pontua o último verso do poema não há um sentimento de pertencimento, mas de embates e paradoxos. Quando se fala em “tempos... de agora/ e origem” (CUNHA, 2013, p. 48). Esse verso nos faz compreender que existe toda uma história da construção da ideia de figura feminina desde tempos antigos até hoje, mostrando que não é uma proposta atual a definição do universo das mulheres e que a figura feminina é bastante complexa.

Os versos também nos lembram da persistência de muitas mulheres de tentarem mudar a realidade da figura feminina, buscando acabar com as repressões através das transgressões e de mulheres fortes que deram os primeiros passos para as lutas femininas. Márcio Seligmann-Silva (2003) pontua que para entender a identidade é



necessário lembrar o passado, pois: “O trabalho da história e da memória deve levar em conta tanto a necessidade de se “trabalhar” o passado, pois as nossas identidades dependem disso, como também o quanto esse confronto com o passado é difícil”. (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 77).

Márcio Seigmann-Silva (2003) destaca ainda a importância de se rever o passado para tentar compreender melhor as ideias sobre identidades que se tem, pois a partir disso podemos ampliar nossa reflexão sobre o tema. Nesse retorno ao passado, compreendemos a importância de rever conceitos, caso da necessidade constante de relacionar a mulher com a maternidade.

Ao analisarmos o poema *Meu nome* também atentamos para as características femininas que são configuradas através dos elementos da natureza, como a relação desse silenciamento feminino que é representado pela calmaria das águas. Ao mesmo tempo, podemos perceber a presença da mulher na referência ao tempo passado, e na abordagem sobre a correnteza das águas que estão em constante mudança, assim como as transformações que acontecem com as mulheres.

Já na poesia *Palavra impossível* (CUNHA, p. 53), o eu-lírico parece está sufocado de tantas coisas que almeja dizer, mas não consegue falar tudo que precisa. Temos a possibilidade de ver a representação da “fala” das inúmeras mulheres que foram caladas e através dessa palavra tentar dizer, demonstrando como se fosse um resgate desses apagamentos, dos processos históricos e das relações sociais que ocultaram e silenciaram as mulheres desde seu nascimento. No entanto, agora neste momento presente conseguem um espaço para falar:

## **PALAVRA IMPOSSÍVEL**

Moro  
na palavra impossível  
de dizer tanto excesso  
e de calar  
os sons que afloram  
na germinação  
das sementes (CUNHA, 2013, p. 53, grifos da autora).

Através disso, refletimos sobre a condição feminina de opressão, em que as mulheres ficavam presas ao ambiente privado da casa, devendo submissão ao patriarca, pois quando não obedeciam eram silenciadas por palavras ou até por atitudes violentas, como agressões físicas e psicológicas. Desde a Antiguidade, as mulheres sofriam com as agressões domésticas em que os pais/maridos batiam nelas caso desobedecessem ou

eles achassem necessário. Também teve inúmeros casos de mulheres assassinadas pelos maridos por pensarem ou terem descoberto infidelidades das suas mulheres. Porém, as mulheres não poderiam denunciar tais abusos, pois já era de comum acordo nos seus grupos sociais tanto religiosos quanto políticos:

[...] Na história do Brasil, durante muito tempo, a violência sofrida pelas mulheres não era considerada um problema social que exigisse a intervenção do Estado, pelo fato de ocorrer, sobretudo, no espaço doméstico e em meio a relações conjugais e familiares. Apesar de um grande número de mulheres de todas as classes sociais serem cotidianamente submetidas à violência de vários tipos, isso era visto como questão de ordem privada. (LAGE; NADER, 2012, p. 287).

As mulheres apesar de sofrerem com a violência não eram consideradas um problema para a justiça do estado, pois era um fato reservado ao ambiente privado em que o patriarca tinha direito de punir a mulher, especialmente, se ela não estivesse sendo submissa às suas ordens. Lana Lage e Maria Beatriz Nader (2012) abordam sobre a violência como uma condição aceita pela sociedade da época que via essas agressões como forma de correção das condutas e uma maneira de evidenciar para as mulheres o momento em que deveriam ficar caladas:

[...] Os corpos não somente tendem a indicar um mundo que está além deles mesmos, mas esse movimento que supera seus próprios limites, um movimento fronteiriço em si mesmo, parece ser imprescindível para estabelecer o que os corpos “são” [...]. (BUTLER, 2015, p. 12-13).

Compreendemos que o corpo neste momento expõe toda uma situação social na qual as mulheres sofrem inúmeros abusos através das cicatrizes tanto externas quanto internas. Mas o corpo também pode representar uma forma de resistência e superação dessas formas de violência, transformando-se em um novo espaço e em uma nova forma de viver. Ao mesmo tempo, Butler (2015) põe em evidência essa relação do corpo como um espaço fronteiriço, pois dialoga com inúmeros outros mundos, possibilitando a comparação com os seguintes versos: “os sons que afloram/na germinação/das sementes”, fazendo um paralelo tanto com o florescimento das flores, quanto com a fecundidade das mulheres, a relação sexual e o amadurecimento no sentido das lutas por direito à educação, ao voto, ao trabalho, entre outros.

As mulheres (do Período Colonial, do Período Republicano, etc.) resistiram aos abusos em que os homens se apropriavam do seu corpo para ter prazer, especialmente, quando era um ato justificado pelo casamento em que ela deveria ficar em silêncio e

submissa aos desejos do marido. Nesses momentos, o corpo era a única forma de poder reclamar sobre esse ato tão violento e que muitas vezes tinha como resultado uma gravidez indesejada, tendo em vista que era resultado de abusos sexuais e que as mulheres não desejavam a criança, nem estarem nesta situação: “[...] uma arena de embate de ideias que procura enfrentar a naturalidade de uma série de opressões [...]” (PELÚCIO, 2014, p. 74). Assim, violência sexual representa um dos embates que a mulher tem que vivenciar para entender as ideologias que envolvem as identidades femininas, pois muitas sofrem com abusos sexuais dentro do próprio lar.

No entanto, temos discursos tão arraigados sobre a condição feminina que muitas mulheres ainda não conseguem se desvincular dessa violência vista como natural durante muito tempo, na qual o homem tinha “direito” de abusar tanto fisicamente quanto psicologicamente das mulheres que eram como sua propriedade. O retorno ao passado, como afirma Seligmann-Silva (2003), é necessário para repensarmos algumas atitudes, especialmente as violentas, que em alguns casos são vistas como se fossem naturais:

A leitura estética do passado é necessária, pois opõe-se à “musealização” do ocorrido: ela está vinculada a uma modalidade da memória que quer manter o passado ativo *no presente*. Ao invés da tradicional representação, o seu registro é do índice: ela que *apresentar, expor* o passado, seus fragmentos, ruínas e cicatrizes [...]. (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 57, grifos do autor).

Observamos que através dessa leitura crítica do passado, deixamos de apenas vê-lo como uma condição para lembrar e para entender a necessidade de indagar sobre as influências do passado para a atualidade. Um exemplo são as violências contra as mulheres que remetem a fatos do passado que são evocados através de discursos violentos, como se a sociedade continuasse a se omitir ou apoiar a violência doméstica, tendo como justificativa a não submissão da mulher ao seu marido.

Alguns homens que violentam mulheres, em muitos casos, ainda se sentem como se fossem capazes de controlar os outros, subjugando-os a força, como o patriarca que controlava tudo e todos do ambiente privado: “[...] conferia aos homens um grande poder sobre as mulheres, justificando atos de violência cometidos por pais e maridos contra filhas e esposas [...]” (LAGE; NADER, 2012, p. 287). Essa ideia de poder controlador dos homens sobre a figura feminina ainda perdura de inúmeras formas e com vários discursos persuasivos para justificar as atitudes agressivas, entre tantas

temos a mais comum de que é por tentar fazer o “melhor” para a mulher ou para a relação.

Percebemos que há inúmeras ideologias que foram se prolongando e ainda têm vários presentes na atualidade, como o silenciamento das vozes femininas através da falta de registros sobre as mulheres do passado. Michelle Perrot (2012) afirma que temos poucos relatos da vida das mulheres, pois muitos dos registros históricos ignoram sua existência e atuação social. Um dos motivos que conduziu para esse silenciamento é manutenção da mulher no interior do ambiente privado. Isso dialoga com essa terceira poesia selecionada:

## **SILÊNCIO DO TEMPO IDO**

E toco  
no silêncio do tempo ido  
agora mais palpável  
nos recantos desenhados  
nos cantos de cada folha  
(CUNHA, 2013, p. 40)

O silêncio ganha uma maior ênfase, especialmente, de fatos já idos que não têm mais como voltar atrás para buscar formas de registrá-lo. E imaginamos as mulheres que ficaram esquecidas sem a possibilidade de contar os fatos que aconteceram com elas, sendo incapazes de poder relatar suas experiências. Voltamos ao ponto de partida da identidade por intermédio dos nomes, pois o nome das mulheres foi apagado de inúmeras formas, uma delas era através dos casamentos em que as mulheres perdiam o nome de seus pais para receberem o nome da família do marido, deixando sua identidade de nascimento para dar espaço para a identidade de esposa e futuramente da mãe.

Agora, podemos visualizar melhor esse apagamento que já começava desde o nome e que quando muito poderia encontrar uma menção de algumas mulheres em que foram casadas com grandes figuras masculinas históricas as quais tinham uma citação do nome nos documentos históricos. Mas como diz o poema “nos recantos desenhados/nos cantos de cada folha” era apenas uma aparição pequena em um recanto de uma folha, não sendo um grande relato daquela pessoa. De acordo com Michel Perrot (2012), durante muito tempo, as mulheres ficaram excluídas dos relatos:

[...] As mulheres ficaram muito tempo fora desse relato, como se, destinadas à obscuridade de uma inenarrável reprodução, estivessem fora do tempo, ou pelo menos, fora do acontecimento. Confinadas no silêncio de um mar abissal. (PERROT, 2012, p. 16).

Michel Perrot (2012) afirma ainda que os relatos sobre as mulheres não são fáceis de serem encontrados, deixando-as na obscuridade como seres que parecem não ter existido historicamente. Na atualidade, temos trabalhos que buscam fazer o resgate dessas vozes silenciadas através de narrativas que abordam sobre como viviam essas mulheres e suas relações com o meio social, pois através desse passado é que se entende algumas perspectivas expostas como características da identidade feminina e tentam mostrar a mulher de uma forma homogênea, sem entender que nem todas as mulheres são iguais.

Ao analisarmos os poemas de Helena Parente Cunha fazendo uma relação com a construção da identidade feminina, entendemos que ainda estamos em um tempo em que o sistema é machista e as ideologias do patriarcado ainda persistem em continuar e a marcar algumas das relações sociais, como a maternidade que ainda permanece sem muitas discussões e com muitas repreensões sobre as mulheres. Como exemplo disso, há o discurso de que criar menino ser mais fácil do que menina, o que enfatiza o silenciamento do feminino e da marginalidade: “Para os pais, ter filha era dor de cabeça. Bebês meninos eram muito mais desejados. Além de vigiadas, as garotas deveriam ser educadas para cumprir no futuro os “naturais” papéis femininos [...]” (PINSKY, 2012, p. 472). As mulheres sempre ficavam à margem e excluídas, sendo desvalorizadas e novamente remetendo a uma identidade restritiva a um ambiente privado de opressão e silenciamento.

Entendemos que ainda continuamos em um mundo onde as relações de poder e a ideia do identitário feminino não se alteraram tanto quanto desejamos durante esses anos. E as lutas sociais femininas não são coisas do passado, mas que cada vez se mostram mais presentes e necessárias. O que mudou foram às maneiras opressivas que antes eram diretas e agora se apresentam mais de forma velada através dos discursos ideológicos como formas de submeter o ser feminino à margem e ao silenciamento.

A ideia de identidade é uma construção discursiva usada para caracterizar os conceitos de identidades que são vinculados às relações de poder que materializam aquilo que deseja tornar como representação do real, conduzindo para que o indivíduo se identifique em detrimento a outros que são negadas, excluídas e marginalizadas. Stuart Hall (2014) e Judith Butler (2015) lembram-se da problemática do conceito de “identidade feminina” que se relaciona a ideia de ‘identificação’, pois há características com as quais muitas mulheres se sentem ou se colocam como sendo representadas. Ao

mesmo tempo, há aquelas mulheres que são relegadas à margem por não conseguirem se identificar com o conceito criado sobre a “identidade feminina”.

## Considerações finais

Os poemas lembram através de metáforas as formas de representação das figuras femininas distantes do que poderiam ser a “identidade feminina”, pois quanto mais se tenta enquadrar em determinados parâmetros menos se encontra no: “eco distante do mar” ou “e a origem sem tempo / nem pertencimento”.

O poema *Meu Nome*, por exemplo, mostra esse não engajamento da descrição que se criou e o que procurava representar, pois é como se a configuração de “identidade feminina” criada não se relacionasse com as diversas identidades femininas que existiram ou existem. Por isso, muitas mulheres ficaram excluídas, sofreram agressões e abusos tanto físicos quanto psicológicos, mas que poucas vezes foram divulgados, ficando restrito aos ambientes de privacidade.

Enfim, a análise dos poemas comparando a ideia de construção da identidade feminina permanece com muitas possibilidades que chegam a colocar em foco o trabalho com silenciamento, marginalidade e ocultação do feminino, pois conforme o poema *Silêncio do tempo ido*, temos agora a possibilidade de evidenciar essas figuras silenciadas já que é “agora mais palpável”, sendo possível essa busca de visibilizar os silêncios ocultados e as marginalidades.

Assim, também o poema *A palavra impossível* que nos lembra o leque de possibilidades que se tem para escrever e descrever o que seria característico de perfil feminino, como a diversidade de formas de ser feminino sem enquadrar-se em estereótipos que não as representa. Portanto, a “identidade feminina” não é um fato simples para definir, pois tudo está em constante mudança, como as relações sociais e as lutas para discutir e refletir sobre os paradigmas que envolvem o feminino. Mas o que se pode fazer é refletir e discutir acerca dos aspectos ideológicos, sociais, culturais e históricos sobre o que se pensa ser identidade feminina.

## REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

\_\_\_\_\_. **Os corpos que importam**. v. 6. Belo Horizonte, 2015; p. 12-16. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1740575/mod\\_resource/content/2/BUTLER.%20Judith.%20Bodies%20that%20matter\\_introdu%C3%A7%C3%A3o%20em%20port.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1740575/mod_resource/content/2/BUTLER.%20Judith.%20Bodies%20that%20matter_introdu%C3%A7%C3%A3o%20em%20port.pdf)>. Acessado em: 04/06/2017.

CUNHA, Helena Parente. **Impregnações na floresta: Poemas Amazônicos**. Prefácio de Geraldo Holanda Cavalcante; apresentação de Astrid Cabral; orelha de Christina Ramalho. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2013; p. 48.

\_\_\_\_\_. **Currículo Lattes: Helena Parente Cunha**. 2017. Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4783220T9>>. Acessado em: 10 de junho de 2017.

DEL PRIORI, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. Carla Bassanezi Pinsky (coordenação de textos). 10. ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das Mulheres: Do Renascimento à Idade Moderna**. Vol. 3. Roma-Bari: Edições Afrontamento, 1991.

ENCICLOPÉDIA, Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. **Helena Parente Cunha**. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa7227/helena-parente-cunha>>. Acesso em: 11 de Junho de 2017. Verbetes da Enciclopédia.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In.: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. 15. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 103-133.

LAGE, Lana; NADER, Maria Beatriz. Violência contra a mulher: Da Legitimação à condenação social. In.: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova História das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 286-312.

PINSKY, Carla Bassanezi. Imagens e representações 1: A era dos modelos rígidos. In: \_\_\_\_; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova História das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 469-512.

\_\_\_\_\_. Imagens e representações 2: A era dos modelos flexíveis. In: \_\_\_\_; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova História das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 513-543.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução de Angela M. S. Côrrea. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

PELÚCIO, Larissa. **Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil?** Revista Periódicus, v. 1, n.1, 2014, p. 68-91.

RICCINI, Giovanni. **Entrevista simultânea:** Helena Parente Cunha. Tiro de Letras: Mistérios da Criação Literária, 2007. Disponível em: <<http://www.tirodeletra.com.br/biografia/HelenaParenteCunha.htm>>. Acessado em 10 de junho 2017.

SCOOT, Ana Silvia. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova História das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 15-42.

SELIGMANN-SILVA, Márcia (Org.). **História, memória, literatura:** o testemunho na era das catástrofes. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2003.